

**Paixão pela arte.**  
**Uma etnografia do quotidiano fabril em Portugal.**

Bruno Monteiro

*Instituto de Sociologia – Universidade do Porto*

Resumo: Ao contrário das perspectivas desincarnadas e descontextualizadas do trabalho fabril características de uma certa sociologia do trabalho, restituímos neste artigo uma investigação sociológica do quotidiano fabril centrada na experiência social imediata, *vivida*, do trabalho fabril. Através de uma pesquisa etnográfica baseada na observação participante numa fábrica de mobiliário portuguesa, procuramos interrogar sistematicamente o processo de aquisição e inculcação de uma competência simultaneamente técnica e estatutária, que, realizando-se no fundamental por transmissão empática e pela implicação prática com o trabalho, caracteriza o trabalhador virtuoso, o “artista”. No chão da fábrica, existe toda uma economia da grandeza oficinal, fundada numa espécie de consenso quanto aos valores intrínsecos do trabalho (“a paixão pela arte”), que suporta a aquisição de formas de valor propriamente operárias. O corpo dos operários está no centro das relações de poder da fábrica, não apenas porque é ele que, no processo de trabalho imediato, é sistematicamente submetido ao processo de exploração capitalista, a que os trabalhadores reagem, organizada e espontaneamente, tentando assegurar a sua preservação, mas também porque é nele que estão depositados, como habilidade, postura, força física, atitudes, os índices simbólicos da distinção operária, que os trabalhadores procuram defender perante as tentativas de racionalização económica e de higienização moral e física feitas pela administração fabril.

Palavras-chave: Etnografia, cotidiano, senso prático, operariado

**Passion for the art.**

**An ethnography of the everyday life on a furniture shop in Portugal.**

Bruno Monteiro

Instituto de Sociologia – Universidade do Porto

Abstract: Contrary to the disembodied and de-contextualized perspectives on the industrial work proper to a certain sociology of work, we elaborate, in this article, a sociological research of the everyday life of a furniture shop centered in the immediate and lived social experience. Through the ethnographic method of participant observation, we aim to question the process of acquisition of the practical competence, which is simultaneously technical and statutory, that characterizes the virtuous and virile worker, the “artist”. In the shopfloor, there is an economy of grandeur, founded on the consensus about the intrinsic value of work (“passion for the art”). The workers’ body is at the center of the plant power relations, not only because it is submitted to the process of capitalist exploration, but also because it is on it that are concentrated all the symbolic and material signs of working class distinction.

Keywords: Ethnography, everyday-life, practical sense, working classes.

*Preâmbulo.*

Presumindo uma dissociação do corpo, tornada intelectualmente possível pelo processo histórico prévio pelo qual se “distinguiu e separou o corpo do espírito – quintessência do poder e da autoridade – como objecto, coisa morta”, em que se tende à depreciação do “corpo vivente” em detrimento do “corpo físico”<sup>1</sup>, o estudo do corpo-em-trabalho, tem-se limitando, efectivamente, à quantificação e racionalização do esforço produtivo dos corpos operários, à vigilância técnica da acção corporal ou à higienização e domesticação das oscilações e imponderáveis corporais. Por isso também, o corpo entendido como objecto de controlo e posse fisicamente mensurado, tendeu a ser reivindicado em exclusivo por especialistas técnicos e profissionais administrativos, enquanto a dimensão vivida do trabalho operário – as “paixões”, a “natureza”, as “manias” - era apresentada como elemento estranho e perturbador do cálculo, do rigor e da previsão no processo produtivo capitalista. Quando tornada explícita a existência desta espécie de inconsciente colectivo acerca da corporeidade operária, que torna aqueles que dele partilham insensíveis e incapazes de produzir um questionamento sobre as condições de geração das práticas operárias, torna-se saliente a arbitrariedade do contraste entre a autoridade atribuída aos critérios “quantitativos” e “abstractos” empregues na análise econométrico do corpo-no-trabalho e a vilificação e menosprezo da experiência operária fundada na “subjectividade dos trabalhadores fabris” e, portanto, “limitada à autoridade da experiência vivida”<sup>2</sup>. Desta maneira, torna-se patente que os resultados da mensuração do esforço laboral (e.g. “a produtividade”),

---

<sup>1</sup> Theodor Adorno e Max Horkheimer, **Dialectica de la Ilustracion**, Madrid, Editorial Trotta, 1998, p.278.

<sup>2</sup> Nicolas Hatzfeld, “A critical examination of the work intensification question. Ethnography and history on the Peugeot-Sochaux assembly line”, **Sociologie du Travail**, 49, 2007, p. 2.

alegadamente “científicos” portanto supostamente inócuos e irrefutáveis, estão, na verdade, fundados em princípios propriamente ideológicos e ligados aos interesses específicos desse corpo de especialistas técnico-administrativos. Uma análise da experiência operária que diligencie fazer uma *crítica da desincorporação* dos trabalhadores nos estudos clássicos de especialistas do trabalho operário deve, por seu lado, começar por concentrar-se nos lugares de trabalho onde são, no imediato, adquiridas e accionadas as disposições práticas dos operários. É nessa condição expressa que será possível obstar à acção persuasiva dos enunciados gestores, que pretendem ao monopólio da representação autorizada e verídica do corpo-em-trabalho, e considerar a espessura quotidiana das experiências fabris dos operários.

*Uma etnografia sociológica de um senso prático.*

Uma etnografia sociológica, “na condição expressa de que seja teoricamente instrumentada, deve permitir ao sociólogo apropriar-se na e pela prática dos esquemas cognitivos, éticos, estéticos e conativos que põem em operação quotidiana aqueles que habitam o cosmos considerado”<sup>3</sup>. O corpo do investigador pode ser aqui usado, ao mesmo tempo, como “instrumento de investigação e vector de conhecimento” para captar a dimensão carnal da existência “através de um trabalho metódico e minucioso de detecção e de registo, de descodificação e de escritura capaz de capturar e transmitir o sabor e a dor da acção, o som e a fúria do mundo social que as abordagens estabelecidas das ciências do homem colocam tipicamente em surdina, quando não os suprimem completamente”<sup>4</sup>. Para compreender a contextura quotidiana da experiência social do operariado é necessário admitir a relevância da carnalidade como dimensão mediadora na aquisição, transmissão e activação das disposições a ser, estar e ver específicas do operariado.

Ao conjugar trabalho teórico e observação empírica contínua, descrição e interpretação, procurei dar conta de uma cultura operária intensamente prática, feita pela aquisição e transmissão quotidiana dos ritos ínfimos e íntimos da vida e de uma economia corporal, material e simbólica muito particular. De maneira a concretizar

---

<sup>3</sup> Loic Wacquant, *Alma e corpo – notas etnográficas de um aprendiz de boxe*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002, pp. 11-12

<sup>4</sup> Idem, *ibidem*, p.11.

uma *etnografia de um senso prático* foi realizado um trabalho de observação participante numa fábrica de mobiliário - a empresa K.<sup>5</sup> - durante 14 semanas, actuando ao longo desse período como manobrador de máquinas e como auxiliar de produção (vulgo, “moço”). O uso da sensibilidade como instrumento de investigação e a utilização das percepções odoríferas, sonoras, visuais e tácteis resultantes da exposição continuada a uma determinada forma de vida é que permitem ao investigador “organizar a sua experiência das outras culturas ao incorporá-las de determinadas maneiras” e capturar a realidade como “o conjunto de referências gerado pela interação entre os sentidos”<sup>6</sup>. Ao submeter este *envolvimento sensorial total* à reflexividade sociológica é possível superar a tradição de índole hermenêutica que tende a constituir e a interpretar a realidade social exclusivamente em termos de *textualidade*. No entanto, uma *sociologia carnal* que ambiciona situar-se no ponto de produção das práticas e dos agentes implica da parte do investigador não só uma submissão tanto quanto possível absoluta às circunstâncias superimpostas pela ocupação e pela coabitação num determinado lugar comportamental, quanto um trabalho metódico de interrogação e reflexão dessa experiência ordinária do mundo, tanto mais quanto tende ela a diluir-se no fundo aparentemente indistinto e insignificante das rotinas quotidianas. Postura epistemológica afim, portanto, da *objectivação participante* explanada e preconizada por Pierre Bourdieu<sup>7</sup>.

“Aprender a arte”. *A incorporação de uma competência oficial.*

---

<sup>5</sup> A empresa K. dedica-se ao fabrico de mobiliário habitacional, reunindo as sucessivas fases do processo de produção: fabricação mecanizada de componentes pelos “maquinistas”; montagem semi-artesanal por marceneiros; acabamento e envernizamento; expedição para os revendedores, que comercializam, para o público, os seus móveis. A empresa tem 35 trabalhadores, está relativamente bem equipada em termos tecnológico, e possui uma gerência profissional e não exclusivamente familiar – características relativamente raras no âmbito local. O recenseamento industrial dedicado ao sector do mobiliário no Concelho Y contabilizava, em 2005, 1166 empresas, 258 delas na Freguesia Z, onde está situada a empresa K. No geral, tratam-se de micro-empresas (em média, cada qual conta com 8 trabalhadores; 851 empresas têm 10 ou menos trabalhadores), extremamente voláteis (436 foram criadas nos dez anos anteriores à realização do estudo), com uma estrutura produtiva tradicional (como evidencia a reduzida presença de trabalhadores administrativos – 827 num total contabilizado de 8439 – e a subcontratação generalizada dos serviços de gestão financeira – 973 empresas estão nessa situação) e dedicados sobretudo à revenda e à subcontratação (912 empresas afirmam dedicar-se à revenda, 836 empresas não têm exposição própria, 742 fazem móveis por medida).

<sup>6</sup> David Howes, “Les techniques du sens”, *Anthropologie et sociétés*, 14, 2, 1990, p. 62

<sup>7</sup> Pierre Bourdieu e Loïc Wacquant, *Réponses*, Editions du Seuil, Paris, 1992.

Nas fábricas de mobiliário, a expressão “aprender a arte” resume a sucessão de momentos constitutivos da pedagogia implícita e mimética pela qual o novato adquire uma proficiência técnica e ética no ofício (“adquirindo a prática”, “aprendendo a ver”; “está tudo envolvido (...) estamos a trabalhar e eu estou a ver aquele a trabalhar e estou a ver como ele faz”). Trata-se de uma aprendizagem tácita que assegura ao longo do tempo a conservação, transmissão e sanção pelo colectivo de trabalho de uma competência prática e pela qual se liga directamente um universo de virtudes masculinas e artísticas à destreza e postura corporais. Da reiteração de experiências realizadas por operários colocados no interior de um mesmo local de produção circunscrito, colectivo que não raras vezes traz consigo um passado semelhante e um futuro idêntico, é todo um mesmo sistema de propensões a sentir, a fazer e a ver que se sedimenta gradualmente nos corpos e nas mentes.

A mera permanência no chão da fábrica organiza uma paulatina conformação da estrutura de sensibilidade e dos esquemas de acção e pensamento dos operários às injunções materiais e às imputações institucionais do universo fabril. Pois é a partir da “inclusão material – frequentemente despercebida e denegada – e daquilo que ela implica, quer dizer, a incorporação das estruturas sociais sob a forma de estruturas disposicionais, de possibilidades objectivas sob a forma de esperanças e de antecipações, que eu adquire um conhecimento e um domínio [maîtrise] prática do espaço englobante”<sup>8</sup>. Por impregnação progressiva, sem ser pressuposta uma consciência explícita e intencional dessa transformação das maneiras de ser, pensar e fazer, adquire-se um controlo prático dos esquemas corporais, emocionais, visuais e mentais necessários para todo e qualquer operário poder ser conhecido e reconhecido como técnico e estatutariamente competente. Através de uma aprendizagem e uma disciplina difusas e redundantes – que a expressão “aprender a arte” resume - opera-se um processo de conversão ginástica, perceptiva, emocional e mental, que, realizado no fundamental pela oralidade e pela mimese, adentra o corpo do operário, inculcando-lhe invisíveis e inconscientemente pulsões, posturas e atitudes compatíveis com as imposições produtivistas, as exigências hierárquicas ou as solicitações grupais existentes na fábrica.

---

<sup>8</sup> Pierre Bourdieu, *Méditations Pascaliens*, Paris, Éditions du Seuil, 2003, p.189.

Esta compreensão mútua entre o corpo vivido do operário e o espaço objectivado da fábrica produz um efeito de evidência no desempenho do trabalho fabril, explicando-o como vicissitude resultante da assunção do sentido do lugar inevitável e conveniente a “gente da nossa laia” (“guardar as conveniências”, “põe-te no teu lugar”, “deixo-me estar no meu cantinho”) ou fazendo-o aparecer como prerrogativa associada a um destino (“nem todos podem ser doutores”, “temos de nos sujeitar”, “a necessidade obriga e eu fui [trabalhar]”). Depois, a exposição prolongada a uma determinada organização espacial e social contribui para naturalizar as distâncias e os limites sociais ao inscrevê-las, inconscientemente, como fronteiras de deferência, diferenças que os sentimentos de “respeito” e “vergonha” experimentados pelos operários na relação mantida com o patrão e a administração revelam e confirmam, aparentemente como expressão fisiológica espontânea e anódina. Além disso, o investimento apaixonado de si na “arte” tende a neutralizar a violência envolvida quotidianamente no trabalho industrial, equivalendo-a ao cumprimento de uma vocação (“nascemos para isto”, “gosto do que faço”).

“Só mesmo experimentando fazer, mandando-te experimentar, tu vais experimentando, avisando-te como tu fazes a maneira certa, dizendo: “mexe aqui, não mexas ali” e com o tempo tu é como se não decorasses aquilo, aquilo é como se fosse automático, como se chegasses lá, tipo, não preciso de olhar para o apertador, nem para o calcador, nem para a orla para metê-la no sítio. Sou capaz de estar a falar para uma pessoa e afinar a orladora toda sozinho, na boa, ir ter pelo rasgo, apertar o rasgo com a largura certa, meter o calcador certo e metê-la no sítio certo para não falhar a medida, sou capaz de pôr isso tudo assim, sei lá, é como se fosse o nosso corpo automático, já está tão habituado aquilo que chega ali, tse, tse, já está feito, assim a falar para uma pessoa na boa. Nem em todas, há trabalhos que não se faz tantas vezes, por exemplo, o orlador trabalha todos os dias, todo o dia, agora há trabalhos que eu faço, tipo, há puxadores de linhas que já saíram há algum tempo, há frisos da fresadora, há coisas que são aparelhadas que é preciso ter mais cuidado e não temos tanto calo porque não fazemos aquilo diariamente, é só mesmo semanalmente ou de quinze em quinze dias. (...) É como se eu não precisasse... a minha cabeça não precisasse de pensar no que ía fazer, não precisa-se de dizer: “agora mexo aqui, depois mexo acolá e eu ando aqui e empurro isto para ali”, agora já não preciso de pensar nisso, chego lá e... é

como se fosse mesmo automático, estás ver? Como se fosse eu a própria máquina, eu faço aquilo mesmo assim e fica sempre bem. (...)

Como eu te disse, [ganha-se] aquela cena do automático, estás a ver? Nós chegamos lá, nós agarramos uma placa sempre assim quando se vai à frente, o Esdras ao princípio agarrava assim [muda a disposição do gesto que faz com os braços]. Só fazes assim e já vês que cansa aqui e o caralho, enquanto assim [muda para a posição inicial] estás sempre normalmente. (...) É como tu na primária aprendes a escrever e agora escreves sempre da mesma maneira, tu não pensas na letra que vais desenhar, como é que vais fazer uma letra, tu chegas aí para escrever o teu nome e escreves, não é? mesmo sem olhar, é como uma comparação isto, nós ganhamos aquele ritmo mesmo, aquela coisa que nos leva da mesma maneira, ganhamos aquela maneira que é a maneira mais fácil, menos cansativa e fazemos aqui... fazemos daquela maneira. Funciona como, por exemplo, trabalharmos mais depressa, não estarmos ali a pensar: “espera aí, agora vou pegar na placa, vou levantá-la assim, virá-la para a esquerda, puxá-la para a direita e vou empurrá-la para a colocar no sítio”, agora tu não pensas nisso, tu chegas lá pegas e empurras, está feito, é isso. É mesmo com o tempo.”

(F., maquinista, 21 anos, trabalha desde os 16)

O “verdadeiro marceneiro”, como afirma V., um operário de 51 anos e que trabalha desde os 8, é aquele que tem “paixão pela arte” e que está habilitado a reconhecer o “valor” do trabalho. A lógica da arte realiza uma auto-valorização e uma auto-justificação do trabalho do operário, reconstitui em termos de “responsabilidade”, “respeito” e “orgulho” os deveres e as obrigações associadas às ocupações oficiais e, à semelhança da retórica redentora acerca das vantagens intrínsecas ao sacrifício, confere ao “gosto pelo trabalho” e ao “gosto pela obra bem-feita” a natureza simultânea de pressuposto e sintoma do “artista”. O investimento de si no trabalho (“não preciso que ninguém me mande”, “sei muito bem o que tenho que fazer”, “trabalhar para a frente para ser alguém na vida”, “neste trabalho não se tem mãos de doutor”) compreende-se sabendo que o trabalho tem associado um universo de virtudes capitais - o “jeito”, a “pranta” e a “fama” -, universo no qual está apoiada a notoriedade e a grandeza do “artista” (“aprender a arte”, “ser alguém na vida”, “aprender a ser um homem”, “ganhar corpo”, “tirar o sustento”). No entanto, importa notar que a devoção significa, aqui, renúncia, despojamento e abdicção de si mesmo.



A exaltação do “gosto pela arte” corresponde a um processo de eufemização do trabalho fabril. Esta como que *sublimação*, tal como acontece na lacaniana “supressão do significante”, permite, ao inverter os sofrimentos e angústias nascidas em condições de dominação e exploração acentuadas, promover a reclusão ou redenção dos operários num ideal de integridade pessoal (“sou cumpridor”, “trabalho bem”), desviar o conflito para o âmbito dos auto-controlos emocionais, como a vergonha ou o medo (“ele não vale nada, não gosta de trabalhar”, “não sou malandro”, “só não quero ficar sem poder trabalhar”), ou exaurir a arbitrariedade das assimetrias de poder imputando-as à ordem natural das coisas (“sempre houve ricos e pobres”, “mais vale quem bem mande do que quem bem faça”).

*As aporias do trabalho. O corpo operário num regime fabril de exploração capitalista.*

Há todo um repertório de definições dolorosas (“dobrar a espinha”, “foder o cabedal”, “andar a arranhar”, “rebentar” ou “suar”) que mostra, para retomar a expressão de Karl Marx, como o trabalho industrial “imprime no operário da manufactura um cunho, que o marca a ferro”<sup>9</sup>. A “pressão”, diz-me um maquinista, “vê-se na cara das pessoas”. De tal maneira a fábrica impõe-se ainda ao trabalhador, “fazendo-o pagar com os sofrimentos dos seus cinco sentidos simultaneamente”<sup>10</sup> na expressão marxiana, que o processo de trabalho permanece um verdadeiro “dispêndio produtivo de cérebro, músculos, nervos e mãos humanos”<sup>11</sup>. De acordo com o idioma vernacular dos operários da indústria do mobiliário, que são, dizem, obrigados a “vender o corpo”, o trabalho “sai do corpo”, conduz a ter o “corpo gasto”, “acabado” ou “partido”.

Em contexto fabril, o circuito de produção e conservação das formas de valor carnis, evidenciadas pela grandeza e postura corporais (“cabedal”, “capado”, “ser um touro de força”, “pranta”) e demonstradas pelas competências incorporadas (“jeito”, “habilidade”, “ter umas mãos de artista”), desloca todo um repertório de definições dolorosas. Para o corpo “dar rendimento” há que “dobrar a espinha”, “foder o cabedal”, “andar a arranhar”, “rebentar” ou “suar” a trabalhar. Para “ganhar capado”, há que

---

<sup>9</sup> Karl Marx, **O Capital**, livro I, tomo II, Lisboa, Editorial Avante!, 1992, p.414.

<sup>10</sup> Karl Marx, **O Capital**, livro I, tomo II, Lisboa, Editorial Avante!, 1992, p 137.

<sup>11</sup> Karl Marx, **O Capital**, livro I, tomo I, Lisboa, Editorial Avante!, 1990, p. 55.

“puxar forças”, “dar no duro”. Para “ser artista” é preciso “passar por elas”, “aprender a fazer”, “tentar uma vez e outra vez”, “consumir-se”. Se, por um lado, o homem extrai do trabalho o “comer” e a “força”, nele “ganha capado” e “mãos de artista”, por outro lado, e em troca, “dá à obra o ser” deixando nela o seu “suor”. Pelo contraste entre o engrandecimento e a usura ou bestialização corporais, entre “ganhar cabedal” e “ser burro de carga” ou “matar-se a trabalhar”, demonstra-se a dupla verdade do trabalho e esclarece-se a natureza extremamente delicada do processo de conservação, investimento e aquisição do capital corporal.

A usura no trabalho tem uma relevância acrescida num segmento industrial em que são relativamente elevados os riscos de extenuação, desgaste e mutilação do corpo, atestados pela incidência inflacionada de acidentes de trabalho e doenças profissionais<sup>12</sup>. Aqui, o corpo é um *capital de risco* que é diariamente investido - no duplo sentido que tem esta palavra como *aplicado* e *arriscado* - no trabalho fabril. O enobrecimento pessoal (“artista”) proporcionado pela aquisição de maneiras de ser, estar e fazer (“gosto”, “jeito”, “pranta”, “fama”) mediante o contacto prolongado com o trabalho fabril, é, contudo, inseparável da situação indesmentível de “um homem não durar para sempre”. A centralidade do corpo na economia moral e sensual do trabalho operário confronta a fragilidade e a vulnerabilidade do corpo perante a irredutibilidade da experiência de exploração, dominação e desumanização no trabalho. É, afinal, este seu estatuto de *capital de risco* que fomenta a necessidade de *economizar* o corpo (“poupar”, “guardar-se”, “evitar estourar”, “tentear”).

No trabalho fabril, trata-se de participar num processo de investimento e de valorização, “ganhar corpo” e “ganhar calo”, em que a fábrica transforma a própria materialidade do corpo e o investe de propriedades éticas, estéticas e técnicas. No entanto, capital corporal e trabalho fabril estão unidos por uma relação recursiva mas

---

<sup>12</sup> O mais recente **Inquérito às condições de trabalho** existente para os sectores industriais, relativo ao ano 2000, confirma que são os trabalhadores do sector “madeira, cortiça e mobiliário” aqueles que, dentre todos os sectores económicos, apresentam a mais elevada percentagem de acidentes com período de inactividade superior a 3 dias: 77,9% já sofreram, pelo menos uma vez, um acidente nessas circunstâncias (p. 55). Também se constata aí níveis acrescidos de exposição a factores de risco: 52,6% respira produtos tóxicos (a média global é de 23,8%); 45,4% pode ferir-se numa máquina (21,2%); 48,7% pode ferir-se numa ferramenta de trabalho (17,4% do total de trabalhadores); 16,1% pode ser atingido na queda de materiais (11,8% no global) (p. 43). Estão também muito expostos a movimentos e posturas fatigantes (valores superiores à média global para “muito tempo de pé”, “longas deslocações a pé”, “deslocar objectos pesados” e “posturas extenuantes”) e ruídos penosos (p. 91). O trabalho na indústria do mobiliário exige uma forte implicação do corpo: 59,4% é manual-artesanal (a média global é de 33,2%); 59,6% envolve articulação manual-máquinas (26,9%); a informática tem uma incidência de somente 11% (face a 38,9% globais) (p. 77).

contraditória, que contribui para definir os contornos de uma cultura oficial ambígua que enquanto exalta as propriedades corporais, vinculando-as a marcas de distinção artística e viril, salienta também o estatuto bestializado e mecanicista que assume o corpo operário no contexto fabril. “As regras que determinam os comportamentos físicos dos agentes sociais e cujo sistema constitui a sua «cultura somática», são o produto de condições objectivas que elas traduzem na ordem cultural, ou seja, conforme o modo de dever-ser; são função, precisamente, do grau em que os indivíduos tiram os seus meios materiais de existência da sua actividade física, da venda de mercadorias que são o produto dessa actividade, ou do emprego da sua força física e de sua venda no mercado de trabalho”<sup>13</sup>. Alcançar uma determinada remuneração económica e adquirir uma valorização viril e virtuosa num ofício intensamente corporal, que exige uma participação fisicamente violenta e um saber-fazer complexo e requer uma dedicação precoce e prolongada ao trabalho, constitui, ao mesmo tempo, um processo de desgaste.

*“Oh, Bruno, o ritmo, o ritmo é impressionante. Eu noto, noto o desgaste tanto físico como psicológico, as pessoas já começam, por tudo e por nada, a... a exaltarem-se, a começar a falar mais alto, tu vês umas bocas que, normalmente, nunca há e... mas isso é um... eu tento passar, tento não ouvir, tento fazer de conta, tento passar por cima de muita coisa, porque compreendo perfeitamente. (...)*

*Acho que a fábrica está numa fase em que vai ser difícil, vai ser difícil as pessoas quererem aquilo pra futuro deles, eles estão a querer implantar um sistema de gestão que pra mim, pra mim não é lógico o sistema de gestão que é à base, à base do suor das pessoas, à base da mão-de-obra barata, da mão-de-obra com qualidade, barata e rápida, e acho que é pouco compensada, acho que as pessoas estão, neste momento, estão sujeitas a uma sobrecarga física devido, devido ao número de horas que trabalham e acho que estão sujeitos a um, e acho que estão sujeitos a uma sobrecarga psicológica porque são mal, mal remuneradas, são pressionadas todos os dias com berros, são pressionadas, são ali... são máquinas que estão ali que estão sempre, que estão sempre a ser pressionadas. Acho que as pessoas neste momento não há nenhum empregado que diga, que possa... que diga que goste de lá estar. (...)*

*(Pergunto-lhe o que mudou entretanto.) Para além do, da forma de trabalhar mais rígida, mais... para mim neste momento estamos a trabalhar de uma*

---

<sup>13</sup> Luc Boltanski, **As classes sociais e o corpo**, São Paulo, Paz e Terra, 4.<sup>a</sup> edição, 2004, p. 157

*forma errada devido à sobrecarga, devido à forma como as coisas estão a ser feitas e devida à pressão, foi o que eu te falei há bocado daquilo da, da pressão da... que as pessoas estão sujeitas, neste momento, a nível psicológico e a nível físico, acho que as pessoas estão a cansar... (...)*

*Agora, agora os marceneiros não podem estar ao lado dos maquinistas, nem os maquinistas podem estar ao lado dos marceneiros, dizem que não tem lógica eles estarem... não têm nada que lá estar, antes haviam situações diferentes que era... chegamos a ir trabalhar noite, às vezes noites inteiras, chegamos a trabalhar trinta e seis horas ou quarenta horas seguidas e que, que aí é que se convive, as pessoas... um vinha a casa buscar pão, outro vinha a casa buscar manteiga e comíamos, normalmente, íamos comprar um vinho do Porto ou qualquer coisa, íamos à padaria, comíamos uns frangos, normalmente íamos sempre jantar juntos quando íamos trabalhar à noite. Agora não acontece nada disso, não... é cada um para seu canto, durante o dia não, mas não se passa disso, é uma diferença que muitas pessoas sentem. (...) A intensidade é sempre, é sempre no, no limite, não... aliás nós... aumentar a, a intensidade nunca, não há hipótese, já estamos mesmo no, no limite. Acho, acho que é um ritmo bastante forte mesmo.*

*(Pergunto-lhe se não existe hipótese de diminuir esse ritmo.) Diminuir não tenho porque, por exemplo, os marceneiros trabalham à peça e eles tentam ser sempre o mais rápidos possível e isso não me deixa também diminuir por parte das máquinas. Não, eu acho que... é um ritmo que eu sei até quando é que ele, até... sei, por exemplo, que até quarta-feira tenho aquele ritmo, a partir de quarta-feira já não tenho, acho que o ritmo já está imposto nas pessoas, não tenho muito que estar, que estar preocupado com isso. (...)*

*[A]li é uma coisa impressionante, eu tou ali há sete anos e sou o empregado mais, mais velho do meu sector, lá, em termos de casa, sou mais velho em termos de casa e... só há uma pessoa que lá com esse tempo, que de resto não está lá ninguém, e nesses sete anos saiu e entrou muita gente. Acho que... isso acontece devido ao sistema que, ao sistema de gestão que temos. A parte que, que as pessoas têm, têm que vir para aquilo, que as pessoas só podem fazer aquilo e muita gente não está disposta a isso.*

*(Pergunto-lhe se considera como considera ser então o seu trabalho.)*

*Desgastante. Sou, sou uma pessoa que ando em constante stress, sou uma pessoa que tenho, tenho... a nível psicológico porque tenho que estar sempre ocupado, tenho que estar sempre preocupado e, e a nível físico desgastante porque eu ando muito, puxo muito pelo meu corpo e a... e depois, isso faz com que eu chegue ao fim do dia desgastado."*

*(B., 25 anos, encarregado há um ano, trabalha desde os 14)*

O corpo constitui um recurso precioso e limitado, cuja rentabilização dolorosa tem que ser disputada com o patrão (“Que se fodam, quando precisavam de um gajo queriam-nos ter sempre disponíveis? Que se fodam!”). ““Eles [os patrões] têm de ter respeito. Não é só nós aceitar colaborar e eles tarem sempre a foder-nos. Que eu penso assim: os patrões têm de fazer a vida deles, mas têm de ter olhos na cara e ver como é, o que se merece...”” (nota de campo de 29 de Março de 2007). Trata-se de realizar uma economia do corpo, quer porque este é o nexo fundamental no processo de trabalho, quer porque se impõe essa poupança e conservação do corpo, assegurada por essa “maneira mais fácil” de trabalhar. É precisamente na medida em que o corpo funciona como o nexo das relações de exploração e de dominação que atravessam o processo de trabalho capitalista, que os operários são conduzidos a um incessante trabalho de conservação da esfera da autonomia pessoal e da integridade física e moral do corpo.

Fala-se em “poupar” o corpo para dar conta do trabalho tácito de preservação do corpo próprio face ao patrão e face à própria “ambição” de “ganhar mais”. A este respeito, elaboram-se ponderações minuciosas dos tempos e dos modos de fazer o trabalho que conciliam a “ambição” com uma certa racionalidade em termos financeiros e físicos, harmonizando os rendimentos ao longo do ano, e em termos pessoais (“não andar a correr feito maluco”, “não quero ganhá-lo todo de uma vez” ou, pelo contrário, “só vê dinheiro, se for preciso vem trabalhar ao domingo”). “«É para ele [João, gerente da empresa] ver que o dinheiro não é tudo e que não compra sempre as pessoas», diz B. [jovem encarregado do sector de produção da empresa K.] depois de um dos trabalhadores não abdicar da vontade de “ir embora no fim do mês”, apesar de João lhe ter dado um prémio e 50 euros.” (nota de campo de 10 de Abril de 2007). Mais do que condenados a uma cupidez insaciável, mormente as necessidades e os “apertos” económicos pessoais e familiares, os operários constituem tácticas individuais e colectivas razoáveis de “fazer o ordenado” sem comprometerem a sua integridade moral e física.

É a duplicidade da condição objectiva do corpo-no-trabalho que funda essa dupla verdade dos registos discursivos operários. “É uma arte que é muito perigosa para a saúde principalmente, uma pessoa muitas vezes não dá fé, não dá fé, não dá fé mas está-nos a matar e não é pouco” (J., 36 anos, polidor). Além de surgirem veias salientes

nos braços e de as mãos ficarem “grossas” e “calejadas”, as amputações e deformações fornecem o melhor registo da passagem pela fábrica, tão evidentes que a usura do corpo torna-se visível e incontornável aos operários por intermédio do seu próprio corpo (“o trabalho sai do corpo”, “corpo gasto”, “vender o corpo”). “Acho que se continuar ali [“no pó”], não sei, acho que um dia mais tarde em vez de morrer aos 60 anos vou morrer aos 40.” (F., 18 anos, maquinista). Embora factor e emblema de engrandecimento artístico e varonil, o corpo, frequentemente o único recurso tangível em termos económicos e simbólicos dos operários, revela-se demasiado frágil no confronto com a dureza do processo de trabalho.

*“Um gajo até não dá fê, não dá fê e está a andar nos vapores sem dar por isso. Para já não noto nada. Para já, graças a deus, não! Mas, vejo à minha volta, vejo à minha volta polidores de 45, 50 anos, estão todos acabados. Vê-se poucos, vê-se muito poucos polidores e uma coisa que não tinha reparado e que só há dias é que reparei nisso, eu não vejo nenhum polidor que seja gordo, eu só reparei há dias, eu pus-me a pensar e disse “fogo! fulano não é, fulano não é, fulano não é”. Não conheço nenhum polidor que seja gordo! Nenhum! Dos que eu conheço, não conheço nenhum polidor que seja gordo, são todos magritos, todos! (...)”*

*Eu, para já não sinto, mas tenho a certeza que se continuar a trabalhar no polimento que daqui a meia dúzia de anos...embora todos os anos costume fazer radiografias aos pulmões, prontos porque a profissão é de risco, principalmente a nível pulmonar a profissão é de risco e de vez em quando, em geral faço raio-X para ver como é que está e se vir que tal, também se tiver de mudar de ares, mudo de ares. Já pensei nisso mais do que uma vez, ainda agora estive uma fase desempregado praí 3 meses e estive mesmo para mudar, só que agora para mudar é muito...é muito difícil. Nós temos que ganhar dinheiro, tenho as contas para pagar, tenho o carro, tenho a casa, eu para mudar de ares não sei se vai ganhar um ordenado...e só por essa razão é que não mudei, senão até já tinha mudado de ares. (...)”*

*“Não é tão fácil para mim mudar de emprego, tenho os encargos, tenho que os pagar, para mudar de profissão agora, tenho que aprender outra de novo. E para aprender outra de novo, os patrões com certeza que não pagam tanto a um aprendiz como paga a um que saiba trabalhar, não é? Por isso é que não é fácil mudar de arte agora. Neste momento não é fácil. Neste momento, não. Para mim, pá, sinceramente eu acho que não tinha dificuldade porque quase todas as semanas me aparece trabalho, mas é tudo pro mesmo, é tudo*

*pro polimento, quase todas as semanas tem me aparecido patrões atrás de mim mas é tudo pro mesmo e mais, aparecem patrões mas não querem pagar, querem empregados mas não querem pagar. Não querem pagar, querem pagar ordenados baixos. O pessoal está no desemprego, não é?, estás em crise, não é?, e o pessoal actualmente, os patrões querem polidores, que há falta de polidores porque a maior parte deles estão a fugir, nos últimos anos tem muito polidor que deixou de ser polidor e eles querem polidores mas não querem pagar o ordenado. É que os próprios patrões não se convenceram que o polidor é uma profissão de risco, mesmo os patrões não se convenceram disso, mas eu estou convencido de uma coisa, é de risco e não é pouco...*

*Ultimamente tenho pensado, nunca tinha pensado nisso mas, neste momento tenho pensado, nunca tinha pensado porque é uma coisa que eu gosto, eu trabalho no polimento e gosto de trabalhar no polimento, mas ultimamente...*

*uma pessoa vai vendo os casos, uma pessoa vai vendo a maior parte... Tive um senhor que trabalhava lá comigo, cancro pulmonar, e a maior parte deles é isso, 45, 50, 55 anos eles estão todos cancerosos, porque o polimento... uma pessoa não imagina o que os gases do polimento fazem... (...) Tenho visto, tenho visto colegas meus que têm problemas de saúde e pronto, eu para já não tenho e já ando vigiado, à partida se aparecer alguma coisa é descoberto, é descoberto cedo, mas pelo menos para agora... para já os pulmões têm estado...estão limpos, mas não sei, o dia de amanhã não sei, chega a um ponto que satura. Uma pessoa vai vendo as coisas e os anos vão passando e um gajo cada vez vai-se cansando mais, embora eu seja uma pessoa que não... como é que eu hei-de explicar?, não ligo muito aos problemas, uma pessoa tem problemas mas não sou daquelas pessoas que stresse muito com os problemas, mas uma pessoa vê tanta coisa, tanta coisa, eu não sei que mundo é que nós vamos dar aos nossos filhos, sinceramente! Da maneira que isto está a andar! Da maneira que isto está a andar! (...)*

*Acho que o patronato aproveita-se muito das crises, eu acho! Eles aproveitam-se muito das crises, a maior parte deles! Pelos salários por exemplo. Nós infelizmente estamos numa zona em que uma pessoa ganha 100 e só tem 50 na folha. Quase todos, a maior parte dos empregados ganham 120, 130, 140 contos mas na folha estão com 80 ou 90. Houve a crise, houve a crise, houve muito empregado que veio com um ordenado daqueles, aqui na nossa zona houve muito empregado que o ordenado baixou praí 20, 30 contos, muitos! Aqui na nossa zona houve muitos empregados que ganhavam 120 e o patrão chegou ao fim do mês “a partir de agora vais ganhar só 90!”,*

*“ai!”, “se não estiveres bem, põe-te!”. Muitos empregados, mas muitos! Grandes firmas que fizeram isso, muitas! E isso pesa muito! Pesa muito!*

*[Pergunto-lhe se as pessoas aceitam isso] Que remédio, ou aceitam ou estão desempregadas, ou vão procurar trabalho, é o que está na folha, eles não querem dar mais do que está na folha, está na folha que ganham 100, eles até podem chegar ao fim do mês trazer 120 ou 130, mas está na folha que ganham 100, os patrões chegam ao fim do mês e levam o que está na folha e mais nada, e o resto, o resto são prémios. Houve agora uma fase, talvez quê?, no último ano, ano e meio houve muitos empregados com os ordenados a baixar, muitos! Aqui na nossa zona! Foi a crise, foi a tal crise porque isto, isto eu estou convencido que isto não deve estar muito bom pros móveis por causa da concorrência que isto não deve estar muito bom, mas pronto, tiveram que baixar custos e a gente leva por tabela, mas a culpa de se ganhar mal também é nossa. Ganho 100, quero 100 na folha, mais nada! Só que uma pessoa chega... vai-se deixando andar e vai-se deixando andar, vai-se acomodando e depois chega a estas fases é que nós damos fé, “realmente, se eu tinha exigido...”, mas a gente, muitas vezes não exige! Mas isso aqui é prática comum, é em todo o lado igual! Porque se exigir o patrão diz assim “então vai procurar trabalho!” (silêncio) Se as pessoas exigir, os patrões mandam um gajo, uma pessoa procurar trabalho noutra lado. (...)*

*Os patrões querem empregados mas não querem pagar ordenados, pois não! Querem pagar ordenados baixos, como dizem que está mau, que está crise, que está crise, como está crise eles não querem pagar ordenados, talvez se aproveitem disso. Eu ganhava melhor há 10 anos atrás do que o que ganho agora. Há 10 anos atrás ganhava mais do que ao que ganho agora! Há mais assim! Há muitos! Aqui na nossa zona há muitos mais assim, na zona do móvel, nas zonas dos móveis há muitos mais assim, ganhavam melhor há 8, 9, 10 anos atrás do que o que ganham agora. (silêncio) Tive um senhor, ele trabalhava numa firma, o tal problema que eu disse ao bocado de estar na folha uma coisa e eles ganhar outra, ele estava na folha com xis e ele tirava mais do dobro ao fim do mês e o patrão chegou e disse “vais ganhar pela folha!, vais ganhar pela folha!” E baixou o ordenado pra metade, foi praí meio por meio que ele baixou o ordenado, e ele há 10 anos ganhava isso já, ele há 10 anos já ganhava isso e como esse, muitos! E como esse, muitos! Isto, o trabalho, não sei... Isto não está fácil mas, o caso por exemplo da minha arte, a minha arte, eu acho que os patrões deveriam pagar muito melhor a arte que nós temos porque a arte que nós temos sei que daqui a meia dúzia de anos vai dar-nos cabo da saúde. Mais dia, menos dia, os problemas vão aparecer, pode aparecer daqui a um ano, daqui a dois, daqui*



*a três, daqui a quatro, daqui a cinco anos mas os problemas vão aparecer, isso é quase certinho! Porque pela experiência que tenho, e por aquilo que eu vejo, aquilo que eu falei ao bocado, de 45, 50, 55 anos, estão todos doentes! Estão todos doentes! E é da arte! (...) Muitas vezes uma pessoa não muda por medo, porque tem medo de conhecer novos sítios para não estar sempre a mudar, pronto porque não quer estar sempre a mudar, mas chega a uma fase... Eu tenho que trabalhar, que eu tenho que trabalhar, vou procurar fazer o meu trabalho mas não vou ganhar amor ao trabalho, neste momento eu penso assim, muita gente diz que eu penso mal, mas neste momento é assim que eu penso, não vou ganhar amor ao trabalho, vou fazer o meu trabalho, vou fazer o meu trabalho, tentar fazer o melhor possível, cumprir a minha obrigação mas não vou ganhar amor ao... Não é ao trabalho, é ao local de trabalho, é à firma porque uma pessoa...uma pessoa gosta de estar ali e de um momento para o outro deixa de estar ali, hoje em dia é assim. E eu trabalho porque tenho que trabalhar, tento cumprir a minha obrigação, mas neste momento é a minha maneira de pensar... Não se pode estar a ganhar amor ao trabalho, se eu ganho amor ao trabalho, levo um pontapé no cu e vou dar uma volta!*

*Sou assim pela parte de levar chancadas, se calhar... Eu cheguei a trabalhar por exemplo, eu tive uma firma que trabalhava sábados, trabalhava domingos, eu cheguei a trabalhar domingos à tarde e à noite ia trabalhar, trabalhava feriados se fosse preciso e cheguei ao fim, quando dei fé levei um pontapé no cu como os outros. (pausa) Eu cheguei a um ponto e disse “foda-se, não vale a pena!” Um gajo tem que trabalhar, tem que trabalhar, tem que tentar fazer o trabalho, tem que tentar ser profissional no trabalho e tirando isso... É ser profissional no trabalho, é a gente chegar ao fim do trabalho e o resto não interessa, neste momento não interessa. Há muitas firmas que querem uma amizade, uma amizade, mas eles não humanizam nada, eles estão pouco se lixando para os empregados, quando não estiver bem é uma cartinha, muda de ares ou muda de emprego. Hoje em dia é assim! Trabalhei numa firma que cheguei a trabalhar muitos, muitos, trabalhava às vezes até às 2 da manhã, 3 da manhã, às 8 horas estava no trabalho, trabalhava até às 2 da manhã para o pessoal da manhã ter que fazer, para não estar parado, para não estar à espera, ia trabalhar sábados, ia trabalhar domingos, feriados e cheguei ao fim levei um pontapé no cu e disse “foda-se!, isto é assim?” Não, nunca mais! E depois tornei a voltar e tornei a levar outro pontapé e agora é, eu digo, eu não ganho amor aos patrões, neste momento não ganho amor aos patrões, eu neste momento não ganho amor aos patrões! Não, neste momento não vale! Neste momento não vale! (silêncio)*

*Podes ser muito bom empregado ou podes ser um profissional muito bom, mas se o patrão não gostar de ti, estás fodido! Pode ser muito bom naquilo que faz, pode ser um empregado de categoria, mas se o patrão não gostar de ti estás fodido! (...)*

*Neste momento o patrão está muito chato, para mim está muito chato, ele não está a dar valor nenhum ao trabalho que um gajo faz, mas eu acho que neste momento há muitos assim. Isto como estamos ou se fala que se está em crise, para mim as pessoas estão-se a aproveitar disso também. (...) Comecei a notar, por exemplo, isto agora...os contratos de trabalho, por exemplo, isto agora são muito mais contratos de trabalho do que se fazia há uns anos atrás e se calhar, o trabalho, agora está muito mais precário do que o que estava há uns anos atrás.”*

*(J., 36 anos, polidor, a trabalhar desde os 16)*

#### *Conclusão.*

Ao contrário das perspectivas desincarnadas e descontextualizadas do trabalho fabril de certos estudos industriais, restituímos neste artigo uma investigação sociológica do quotidiano fabril centrada na experiência *vivida* do trabalho operário. Através de uma pesquisa etnográfica baseada na observação participante numa fábrica de mobiliário portuguesa, procuramos interrogar sistematicamente o processo de aquisição e inculcação de uma competência simultaneamente técnica e estatutária, que, realizando-se no fundamental por transmissão empática e pela implicação prática com o trabalho, caracteriza o trabalhador virtuoso, o “artista”. No chão da fábrica, existe toda uma economia da grandeza oficial, fundada numa espécie de consenso quanto aos valores intrínsecos do trabalho (“a paixão pela arte”), que suporta a aquisição de formas de valor propriamente operárias. O corpo dos operários está no centro das relações de poder da fábrica, não apenas porque é ele que, no processo de trabalho imediato, é sistematicamente submetido ao processo de exploração capitalista, a que os trabalhadores reagem, organizada e espontaneamente, tentando assegurar a sua preservação, mas também porque é nele que estão depositados, como habilidade, postura, força física, atitudes, os índices simbólicos da distinção operária, que os trabalhadores procuram defender perante as tentativas de racionalização económica e de higienização moral e física feitas pela administração fabril.